

A woman in a military-style uniform, including a beret and a tactical vest, is shown holding a young child. The scene is set against a background of a forest with a warm, orange-red color palette. Large, stylized, black letters 'M', 'O', and 'U' are overlaid on the image, partially obscuring the woman and child. The text 'a mulher moçambicana na revolução' is written in white, lowercase letters across the middle of the image.

a mulher
moçambicana
na revolução

Tradu 
Agindo

TraduAgindo

A Mulher Moçambicana na Revolução

Tradução
Andrey Santiago
Luana Ferretti
Karen Anisia

Tradu 
Agindo



Copyright da tradução © TraduAgindo, 2021.

Traduzido do original inglês “*The Mozambican Woman in the Revolution*”, do Movimento de Apoio à Libertação (*Liberation Support Movement - LSM*), publicado pela Editora LSM, em Vancouver, Canadá, em 1974.

Coordenação Editorial

Andrey Santiago

Tradução

Andrey Santiago

Luana Ferretti

Karen Anisia

Diagramação

Andrey Santiago

Revisão

Andrey Santiago

É permitida, a reprodução de qualquer parte deste livro, desde que contenha a citação direta da fonte e seja sem fins lucrativos.

Este livro atende às normas de acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: dezembro de 2021
distribuição digital gratuita

TraduAgindo
traduagindo@gmail.com

www.tradugindo.com

Sumário

Nota do Tradutor.....	7
Prefácio.....	8
Introdução.....	10
O Papel da Mulher na Revolução.....	15
“Nós Mulheres Temos o Direito de Lutar”.....	22
A Conferência das Mulheres Africanas de 1972.....	27
Uma Nova Vida Está Sendo Construída.....	32
Maria Njanje.....	42
Poemas de Josina Machel.....	47
Biografia de Josina Machel.....	53
Referências.....	60

Nota do TraduAgindo

Com muito orgulho, o TraduAgindo apresenta essa histórica coletânea de textos que tratam do destacado papel das mulheres moçambicanas no processo revolucionário de libertação nacional de Moçambique.

Os escritos foram originalmente organizados pelo Movimento de Apoio à Libertação (*Liberation Movement Support - LSM* em inglês), grupo marxista-leninista do Canadá e EUA que divulgava materiais acerca das lutas anti-coloniais africanas em seus países e que encerrou suas atividades em 1982.

Além dos textos originais, incluímos também uma seção de poemas inéditos de Josina Machel e uma breve biografia de sua curta e marcante vida política. Textos que não tem autoria definida foram extraídos diretamente dos documentos da FRELIMO.

Localizado na África Oriental, banhado pelo Oceano Índico, Moçambique é considerado um país extremamente rico em recursos naturais, concentrando uma grande variedade de grupos étnicos.

Logo após sua invasão pelos europeus foi anexado ao Império Português e por cerca de quatro séculos foi sujeito de um brutal domínio colonial, conquistando sua independência por meio da luta organizada na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO).

Esperamos que este livro proporcione cada vez mais visibilidade e consciência da importância das mulheres na luta revolucionária, em qualquer lugar do mundo!

Boa leitura!

Dezembro, 2021

Prefácio

Comitê Central da FRELIMO

O desenvolvimento de nossa luta constantemente dá surgimento a novas situações que requerem novas soluções. Certas abordagens que ontem pareciam para nós enquanto finais e satisfatórias hoje parecem inadequadas, fora do lugar e as vezes incorretas.

No processo de nosso crescimento aprendemos: e por meio da discussão de nossas experiências, as vezes inspirados pela experiência revolucionária de outros povos, somos capazes de encontrar o caminho correto, adequado para a específica fase de nosso desenvolvimento, em cada esfera – política, militar e na reconstrução nacional.

Um constante e imutável princípio nos guia na busca por soluções: sempre coloque os interesses do povo antes de tudo.

Isso não é meramente uma questão de teoria. É o povo que quer saber como organizar a produção para obter melhores resultados. É a vida dos quadros que diz a eles se devem se concentrar em simples tratamentos diários ou se devem dar prioridade para a medicina preventiva. São os comissários políticos que querem instruções sobre como melhor implementar nossa política anti-racista, agora que estamos avançando em zonas com uma grande concentração de população branca. São os soldados que precisam de técnicas militares aperfeiçoadas para combater os métodos utilizados pelo inimigo – por exemplo, colocar minas em ruas recém-construídas. São as mulheres que se sentem frustradas porque a educação tradicional e colonial deixou a elas um sentimento de inferioridade frente aos homens, o que as impede de sua

participação plena na luta: elas desejam saber como se livrar desse complexo.

Comitê Central, FRELIMO
Dezembro, 1972

Introdução

Movimento de Apoio à Libertação

A seleção de escritos no livro “*A Mulher Moçambicana*” lida com um grande número de importantes aspectos da luta pela emancipação das mulheres – mulheres moçambicanas, mulheres africanas e mulheres da humanidade como um todo. Lida também com a relação entre a libertação das mulheres e a luta mundial para acabar com todas as formas de opressão e exploração; com a luta revolucionária geral de homens e mulheres contra o chauvinismo masculino e nacional, contra o racismo, o colonialismo e o imperialismo, e com o papel da mulher na construção de uma verdadeira sociedade humana livre todas as estruturas exploradoras e a libertação da total criatividade humana e capacidades sociais beneficentes.

Sobre a questão de sua “dupla exploração” enquanto sujeitos coloniais e mulheres, a posição das mulheres da FRELIMO é bastante precisa. Seus sentimentos de inferioridade são enraizados “... em uma combinação do tradicional sistema de educação e o sistema colonial.” Habituais ritos de iniciação instilaram em meninas “... uma atitude submissa perante os homens” e ensinou a elas que “... seu lugar na sociedade [era] um local secundário.” Era dito a elas, que o papel da mulher, era “... produzir crianças e cuidar do seu marido e da sua casa – todas as outras tarefas eram proibidas para elas.” Além disso, eram atacadas com a reacionária tradição de casamentos arranjados, “que reduzem mulheres a meros objetos para serem compradas e vendidas e fazem delas um simples objeto de prazer e reprodução para os olhos do comprador – o marido,” a poligamia e casamentos arran-

gados muitas vezes “... condicionam mulheres a se sentir alienadas e... as confinam à vida doméstica e a produção agrícola em serviço ao seu marido, privando-as de qualquer perspectiva de participar em trabalhos políticos, culturais e sociais.”

O outro aspecto de sua exploração, o colonialismo, sujeitou as mulheres moçambicanas tanto a “... geral opressão e exploração infligida indiscriminadamente em homens e mulheres igualmente, na forma de trabalho forçado, colheitas compulsórias, prisão arbitrária, discriminação racial, etc.” – quanto – “... a outra forma mais específica, direcionada apenas às mulheres.”

Ao separar mulheres de seus maridos por meio do trabalho forçado e negar a elas os meios para sustentarem suas famílias e crianças, os colonialistas criaram condições onde mulheres eram forçadas a recorrer à venda de seus corpos, a se prostituírem, para assim conseguirem sobreviver. As mulheres se reduziam, se degradavam e eram sujeitas a mais extrema humilhação pelos colonialistas, que não faziam delas apenas força de trabalho para a reprodução, mas faziam delas instrumentos de prazer.

Uma outra importante seção torna claro o perigo da confusão em relação ao inimigo e a necessidade de adotar a linha política correta e revolucionária em relação à libertação das mulheres. Há uma inequívoca dissociação dos “... chamados movimentos de libertação femininos que se proliferaram nos países capitalistas ... que ... direcionam sua luta contra os homens, fazendo deles seu alvo e os acusando de serem responsáveis pela opressão e exploração.” As massas de homens trabalhadores, é apontado, “... são, também, explorados e oprimidos ... e ... qualquer ideia reacionária que eles

possam ter sobre mulheres foram instiladas neles pelo sistema sob o qual vivem. É contra esse sistema, isto é, contra o colonialismo e imperialismo, que as mulheres moçambicanas devem direcionar sua luta.”

No que diz respeito à libertação das mulheres, esta é vista enquanto um processo no qual “... não se pode separar da libertação dos homens... o inimigo e os objetivos são comuns... [e] ... o único caminho que as mulheres podem seguir é se engajar nas tarefas da luta, no processo revolucionário.” É por meio deste caminho que elas irão avançar na sua própria libertação, além de que, “... ao aderir à luta em todos os níveis, elas estão abrindo novas perspectivas para o seu futuro, destruindo na prática os conceitos que as relegaram a um papel passivo e sem voz na sociedade. Em resumo, elas estão criando as condições para participarem no exercício do poder, tomando o destino em suas próprias mãos.”

De fato, números crescentes de mulheres moçambicanas, dentro da estrutura da FRELIMO e por meio do Destacamento Feminino e da recém-formada (Dezembro de 1972) Organização das Mulheres Moçambicanas, estão se engajando em vários aspectos da luta. “Nós mulheres”, elas declaram, “participamos da luta em si, integradas em unidades militares; trabalhamos como comissárias políticas, mobilizando o povo, esclarecendo a eles todos os aspectos da nossa luta; transportamos materiais de guerra até a linha de frente; defendemos o povo das incursões inimigas; participamos na produção; somos ativas nas escolas e nos hospitais, ... em geral podemos dizer que fazemos o mesmo trabalho que os homens. E isso nós consideramos uma das maiores conquistas da nossa revolução.”

Elas apontam que a correta consciência política é vital para a conquista dessas mudanças revolucionárias e para o sucesso da luta por libertação em si. “Tem sido nosso papel militante na organização política tendo uma linha política correta que nos garantiu uma própria orientação necessária para que nossos esforços fossem mais efetivos. É a consciência política que nos permitiu encontrar o caminho correto para nossa emancipação... nossa organização de mulheres deve ser um braço, um instrumento de um movimento político.”

A correta ideologia que inspira a nova vida que a FRELIMO está auxiliando a construir nas regiões libertadas de Moçambique é a que “coloca os interesses das massas do povo acima de tudo, que rejeita todas as formas de opressão e exploração por qualquer indivíduo, grupo, classe, sexo sob o outro, e que busca estabelecer relações humanas saudáveis e harmoniosas.”

Finalmente, um grande número de seções lida com a relação entre a luta das mulheres moçambicanas com o amplo processo revolucionário internacionalista e anti-imperialista que está ocorrendo em nível mundial. A atenção é voltada “... ao fato de que nossa luta não é isolada, ... que a luta das mulheres é a luta da humanidade...” Elas parabenizam países socialistas e povos por assumirem “sua responsabilidade internacionalista” ao apoiarem a luta moçambicana, e a “... luta de ambos homens e mulheres em países capitalistas e em todos os continentes contra o colonialismo, o racismo, o imperialismo e a exploração do homem e discriminação contra a mulher...” é reconhecida enquanto “... uma concreta contribuição para a causa do povo moçambicano, em geral, e das mulheres moçambicanas, em particular.”

A interconexão das lutas das nações colonizadas e neo-colonizadas contra “... os Estados Unidos da América, o líder do imperialismo internacional,” e especialmente as importantes vitórias dos povos da Indochina, são enfatizadas, enquanto uma ligação essencial entre as lutas e os desenvolvimentos revolucionários nas metrópoles.

o papel da mulher na revolução

josina machel



Foi em Outubro de 1966, numa reunião do Comité Central, que a FRELIMO decidiu que a mulher moçambicana deve participar mais ativamente na luta de Libertação Nacional, em todos os níveis. Foi decidido que ela deveria receber treino político e militar, para ser capaz de desempenhar todas as tarefas exigidas pela revolução. Assim, poucos meses depois, nos princípios de Janeiro de 1967, o primeiro grupo de raparigas de Cabo Delgado e Niassa começaram o seu treino. A princípio tratava-se apenas de uma experiência, para ver até que ponto as mulheres seriam capazes de contribuir na revolução – como é que elas usariam a sua iniciativa, se seriam de fato capazes de desempenhar certas tarefas. A “experiência” alcançou grande sucesso, e essas raparigas desse primeiro grupo tornaram-se membros fundadores do Destacamento Feminino. Elas foram colocadas em vários lugares, no interior do nosso País, cada uma com funções específicas. Em breve estava provado que elas eram capazes de desempenhar um papel muito importante na revolução, tanto no campo militar, como político, mas principalmente neste último.

Uma das principais funções do Destacamento Feminino é, naturalmente, como acontece com as unidades militares compostas de homens, participarem nos combates. Em Moçambique, as atividades militares das mulheres estão, geralmente, juntamente com as milícias, concentradas na defesa das zonas libertadas. Desta maneira os homens ficam em parte libertos dessa tarefa de defesa e podem concentrar-se na ofensiva, nas zonas de avanço. Contudo, há mulheres que preferem participar nos combates mais ativos nas zonas de avanço, e lutam lado a lado com os homens nas emboscadas, operações

de minas, etc. Elas provaram ser tão capazes e corajosas como os seus camaradas do sexo masculino. Num outro aspecto desta mesma função militar, temos também mulheres trabalhando no Departamento de Segurança, alerta contra a infiltração do inimigo.

Embora sejam muito eficientes no campo militar, a contribuição das mulheres tem ressaltado mais no campo político. Desde 1967, as mulheres têm demonstrado desempenharem um papel fundamental na mobilização e educação política do povo e dos guerrilheiros. Neste trabalho nós explicamos ao povo a necessidade de lutar, que tipo de luta estamos a travar, contra quem lutamos, quais as razões da nossa luta, os nossos objetivos, porque é que escolhemos a luta armada como o único caminho para a independência, quem são os nossos inimigos e quem são os nossos verdadeiros amigos, etc. Nós explicamos o trabalho que estamos a fazer, os resultados que já alcançamos. Explicamos também como até certo ponto dependemos da ajuda estrangeira; quais são os países e organizações que nos dão auxílio, e que, apesar desta ajuda, devemos tanto quanto possível basearmo-nos nas nossas próprias forças.

A este respeito, nós salientamos que o sucesso da revolução depende dos esforços combinados de todos nós, ninguém pode ser dispensado, e assim o papel tradicionalmente “passivo” da mulher deve mudar, de modo que as suas capacidades possam ser utilizadas ao serviço da revolução. As mulheres são encorajadas a falar, a exprimirem a sua opinião nas reuniões, participarem nos Comitês, etc. Aqui nós somos geralmente confrontadas com a tarefa difícil de lutar contra velhos preconceitos, que dizem que as funções das mulheres são apenas cozinhar,

tomar conta da casa, dos filhos, e pouco mais. E, precisamente, a nossa experiência provou que nós, mulheres podemos realizar este trabalho de mobilização e educação muito melhor do que os homens, por duas razões: Primeiro, é muito mais fácil para nós aproximarmos-nos das outras mulheres, e, segundo, os homens convencem-se mais facilmente do papel importante da mulher quando tem em frente deles mulheres militantes e capazes, que são exemplo vivo daquilo que elas apregoam. Além disso, as nossas atividades dirigem-se também aos homens, e a presença de mulheres com armas é um elemento muito importante para a mobilização dos homens: eles ficam envergonhados e não se atrevem a recusar aquilo que as próprias mulheres estão a fazer.

Para podermos alcançar o nosso objetivo de sermos auto-suficientes nas áreas libertadas, nós explicamos ao nosso Povo que a produção agrícola deve ser aumentada, de modo a alimentar não só o povo mas também os guerrilheiros, dado que a tarefa principal dos guerrilheiros é lutar, e assim eles muitas vezes não tem tempo para produzir bastante para alimentar as suas bases. Nós necessitamos também de alimentar os nossos camaradas do avanço, onde a atividade militar é constante e a presença de tropas inimigas tornam muito difícil uma produção agrícola regular. Não se trata de convencer o povo a participar na guerra: isto não é necessário, todo o povo está pronto para lutar. Mas ele tem de ser explicado sobre as teses políticas e as implicações da revolução. Embora todos saibam que tem responsabilidade na revolução, precisam de ser orientadas sobre qual o campo em que deverão trabalhar. Uma vez consciente da situação, o povo age sem hesitação. Além de sua ação na produção,

o povo ajuda a transportar os feridos e doentes, a transportar material de guerra.

É o povo também, claro está, que fornece os elementos de nossas forças armadas.

Somando-se ao seu trabalho político, o Destacamento Feminino tem também grandes responsabilidades no campo da assistência social. Nós ajudamos e levamos conforto às famílias que perderam os seus parentes na guerra. Este é um trabalho extremamente delicado, que exige muita paciência. Também tomamos conta do orfanato da FRELIMO, que cuida não só dos órfãos, mas também das crianças que estão separadas dos pais devido à guerra. Algumas das nossas camaradas têm treinos de primeiros socorros e assim podem ajudar os enfermeiros nos Centros de Saúde. Muitas das nossas camaradas trabalham também no Departamento de Educação, no programa de instrução de adultos e nas escolas primárias para crianças. Aqui mais uma vez temos de vencer os preconceitos de pais e maridos, que entendem que as mulheres não precisam de ir à escola. Mas pouco a pouco estamos a ganhar a batalha contra esses pais e maridos conservadores: eles estão a convencer-se de que uma mulher com instrução pode contribuir muito melhor para a revolução do que uma mulher ignorante. E como resultado, já temos muitas raparigas nas nossas escolas. Em algumas escolas são mulheres que ensinam – tanto às crianças, como aos adultos. Vemos, portanto, que, além das suas funções estritamente militares, o Destacamento Feminino tem responsabilidades políticas importantes em dois níveis. Num primeiro nível, o Destacamento Feminino está encarregado da mobilização e educação do povo, com vista a aumentar a eficácia de sua participa-

na luta pelo desenvolvimento da sua compreensão política da guerra. Esta atividade nós realizamos em relação a toda a gente, homens e mulheres, muito embora a nossa ação seja particularmente eficiente em relação às mulheres, que os nossos camaradas do sexo masculino têm mais dificuldades em aproximar.

Uma vez conseguido isto, a nossa ação passa para o segundo nível: o de encorajar o povo a participar ainda mais ativamente, convidando-o a seguir o nosso exemplo, a deixar as suas casas e treinar-se como guerrilheiros, enfermeiros, professores, etc., desta maneira o tamanho do Destacamento Feminino aumentou consideravelmente desde aquele primeiro grupo de “experiência”. E chegamos já ao ponto em que algumas dessas camaradas do primeiro grupo ganharam experiência e conhecimentos suficientes para serem elas próprias instrutoras políticas e militares da sua própria unidade, e ajudaram os seus colegas homens, nas bases, a treinarem os elementos da população.

Na última reunião do Comitê Central, em Abril de 1969, decidiu-se que a Liga Feminina de Moçambique (LIFEMO) deveria fundir-se completamente com o Destacamento Feminino. Nós estamos neste momento no processo de integrar no exército todas as atividades anteriormente realizadas pela LIFEMO. Durante a sua existência, a LIFEMO fez trabalho, mas o desenvolvimento da luta impõe que todos os esforços, todos os trabalhos estejam localizados no interior de Moçambique e, portanto, sejam levados a cabo pelo Destacamento Feminino.

**“nós mulheres
temos o direito
de lutar”**



“Minha família é do distrito de Namau de Mueda em Cabo Delgado. Meu pai trabalhava na loja de um comerciante indiano, onde ganhava 195 escudos (\$6,50 dólares) por mês. Tínhamos um pequeno terreno, mas mal tínhamos tempo de cultivar algo nele, pois éramos obrigados a trabalhar nos campos das empresas, plantando algodão.

Até os padres eram cruéis. Meu primo Jose Lucas era professor na Missão de Lipelua. Uma vez, ele estava doente e não pôde comparecer às aulas por dois dias. No fim do mês os padres se recusaram a pagá-lo, porque ele tinha faltado aqueles dois dias de trabalho. Meu primo então se recusou a voltar a trabalhar na Missão. Em represália, os padres enviaram a polícia para prender meu primo.

Os portugueses eram horríveis. Eles costumavam vir à nossa vila, entrar nas casas e roubar galinhas, cereais, qualquer coisa. Se alguém protestasse contra, era preso e agredido.

Houve uma época em que lançaram uma campanha para que as crianças frequentem a escola da missão. Mas era mentira: eles queriam as crianças para colocá-las para trabalhar no campo da missão e nas casas dos colonialistas. As mulheres não eram respeitadas, até as que eram casadas sofriam abusos na frente de seus maridos. Se o marido reagisse ou se a mulher recusasse, ambos eram severamente agredidos. Os argumentos usados pelos colonialistas era que deveria ser uma honra para uma mulher negra ser desejada por um homem branco. Eu poderia falar muitas outras coisas horrosas às quais fomos submetidas pelos colonialistas.

Em 1962, quando eu estava no hospital da Missão de Imbuho, um senhor mais velho veio falar conosco secretamente, dizendo que os moçambicanos haviam criado uma Organização chamada FRELIMO, para combater os portugueses e ganhar de volta nossa liberdade. Nós ouvimos com muita atenção. Em 1963, meu pai veio. Ele ligou para mim e minha irmã, e nos explicou como era a FRELIMO, nos avisando para manter sigilo absoluto.

Em 1964, já havia uma boa quantidade de atividades da FRELIMO em nossa região. Os organizadores da FRELIMO nos falaram que devíamos preparar tudo para ir para a mata, pois logo os portugueses começariam a prender e massacrar as pessoas devido ao nosso apoio à FRELIMO. Dois dias depois, fomos para o mato. Alguns dias depois, no dia 25 de setembro, a guerra começou na nossa região. Foi dado às pessoas a tarefa de bloquear as estradas com árvores e buracos. Nós também cortamos fios de telefone e derrubamos postes.

Desde aquela época eu tenho estado bem ativa na FRELIMO. A primeira missão que eu e as outras

meninas fomos mandadas foi de ir às vilas e mobilizar as pessoas para a guerra. Nós explicamos o que era a FRELIMO, porque temos que lutar e quem era o inimigo. Nós também encorajamos meninos e meninas na vila a se juntar às nossas forças. Mais tarde, o falecido camarada Kankhomba nos ensinou o trabalho de reconhecimento e segurança, para detectar os agentes inimigos que tentassem se infiltrar em nossas zonas.

Quando nós, meninas, começamos a trabalhar, houve forte oposição à nossa participação. Porque isso era contra a nossa tradição. Começamos então uma grande campanha explicando porque tínhamos de lutar, que a guerra da FRELIMO é uma guerra popular na qual todo o povo deve participar, que nós mulheres éramos ainda mais oprimidas do que os homens e por isso tínhamos o direito, além da vontade e a força para lutar. Nós insistimos em ter treinamento militar e receber armamento.

Fiz parte do primeiro Destacamento Feminino que recebeu treinamento militar em 1967. Nosso Comitê Central apoiou nossa plena participação. Desde então, o Destacamento Feminino tem estado muito ativo no combate, transportando material para as zonas avançadas, organizando a produção e participando dos serviços de saúde.

Eu já havia participado de muitas batalhas. Algumas das mais importantes foram: uma emboscada contra um comboio da estrada Namaguanga-Muidumbe em 15 de julho de 1967, onde destruimos 2 caminhões e matamos muitos outros inimigos.

Um ataque de artilharia e infantaria contra o posto de Nangololo: 2 casas foram destruídas e o helicóptero veio 4 vezes para recolher os mortos e levar os feridos para o

hospital de Mueda. Durante a ofensiva inimiga de 1970, participei em 2 emboscadas, uma na estrada Mueda-Mocímboa da Praia e outra na estrada Nacatar-Mueda, resultando respectivamente em 4 caminhões desativados e 3 destruídos. No ano passado (1971) minha unidade destruiu 3 caminhões em uma emboscada na estrada Muatide-Mueda. Também participei de um grande ataque contra o posto de Muidumbe em 1971, no qual nossas forças de artilharia e infantaria destruíram muitas casas. O helicóptero veio 7 vezes para buscar os mortos e feridos. Pouco depois desse ataque, o inimigo evacuou definitivamente o posto.

Por uma militante do Destacamento Feminino

**a conferência
das mulheres
africanas de
1972**



Na ocasião dos 10 anos da Conferência de Mulheres Africanas, foram realizadas palestras em Dar es Salaam de 24 a 31 de julho. A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) foi representada por uma delegação composta pelas camaradas Deolinda Raul Guesimane - membro do Comitê Central e chefe da delegação, Marcelina Chissano e Rosaria Tembe. Citamos do discurso delas:

Para nós a Conferência de Mulheres Africanas representa uma plataforma de luta a partir da qual as mulheres do nosso continente podem coordenar os seus esforços na dura luta que estão a assumir contra as muitas forças que as oprimem. Definir claramente essas forças deve ser nossa primeira tarefa. Então é necessário decidir os métodos de luta. Finalmente, devemos estudar e desenvolver maneiras pelas quais possamos coordenar nossos esforços para que possam ser mais eficazes. É com esta perspectiva que viemos a este encontro em que comemoramos o décimo aniversário da Conferência das Mulheres Africanas.

Nós devemos falar do papel das mulheres na nossa luta. Achamos isso um pouco difícil, já que na nossa organização mulheres e homens trabalham juntos, lado a lado, em todo o tipo de atividade; nós mulheres participamos da luta em si, integradas em unidades militares; trabalhamos como comissárias políticas, mobilizando o povo, esclarecendo a eles todos os aspectos da nossa luta; transportamos materiais de guerra até a linha de frente; defendemos o povo das incursões inimigas; participamos na produção; somos ativas nas escolas e nos hospitais.

Então, se é verdade que algumas tarefas, por sua natureza, são nossa responsabilidade - como cuidar de cri-

ianças (possuímos múltiplos berçários e creches que são administrados por mulheres) - em geral podemos dizer que fazemos o mesmo trabalho que os homens. E isso nós consideramos uma das maiores conquistas da nossa revolução. Especialmente se considerarmos em que contexto esta situação surge. A sociedade tradicional, que manteve as mulheres completamente dependente dos homens, privou as mulheres de qualquer iniciativa, as deixou sem voz nos assuntos da comunidade - sua única tarefa sendo a criação de seus filhos e o trabalho doméstico. E então surgiu a sociedade colonial em que mulheres viraram instrumentos de trabalho, ainda mais exploradas que os homens.

Tudo isso está mudando em nosso país. E desejamos chamar sua atenção a este ponto especial, que conta a nossa experiência: essas mudanças têm sido conquistadas através do nosso engajamento político. Tem sido nosso papel militante em uma organização política com uma linha política correta que nos deu a orientação adequada necessária para tornar nossos esforços mais eficazes. É a consciência política que nos permitiu achar o caminho mais correto para a nossa emancipação.

Ao mesmo tempo, sentimos que é dentro desta perspectiva política que nós, mulheres moçambicanas, podemos formular as melhores formas de coordenar os nossos esforços com outras mulheres africanas. Nossa experiência - repetimos - nos ensinou que nós devemos nos organizar e lutar dentro de um movimento, ou seja, nossa organização de mulheres deve ser um braço, um instrumento de um movimento político.

Nós desejamos fazer um apelo a todas as mulheres africanas e mulheres do mundo para nos ajudar a supe-

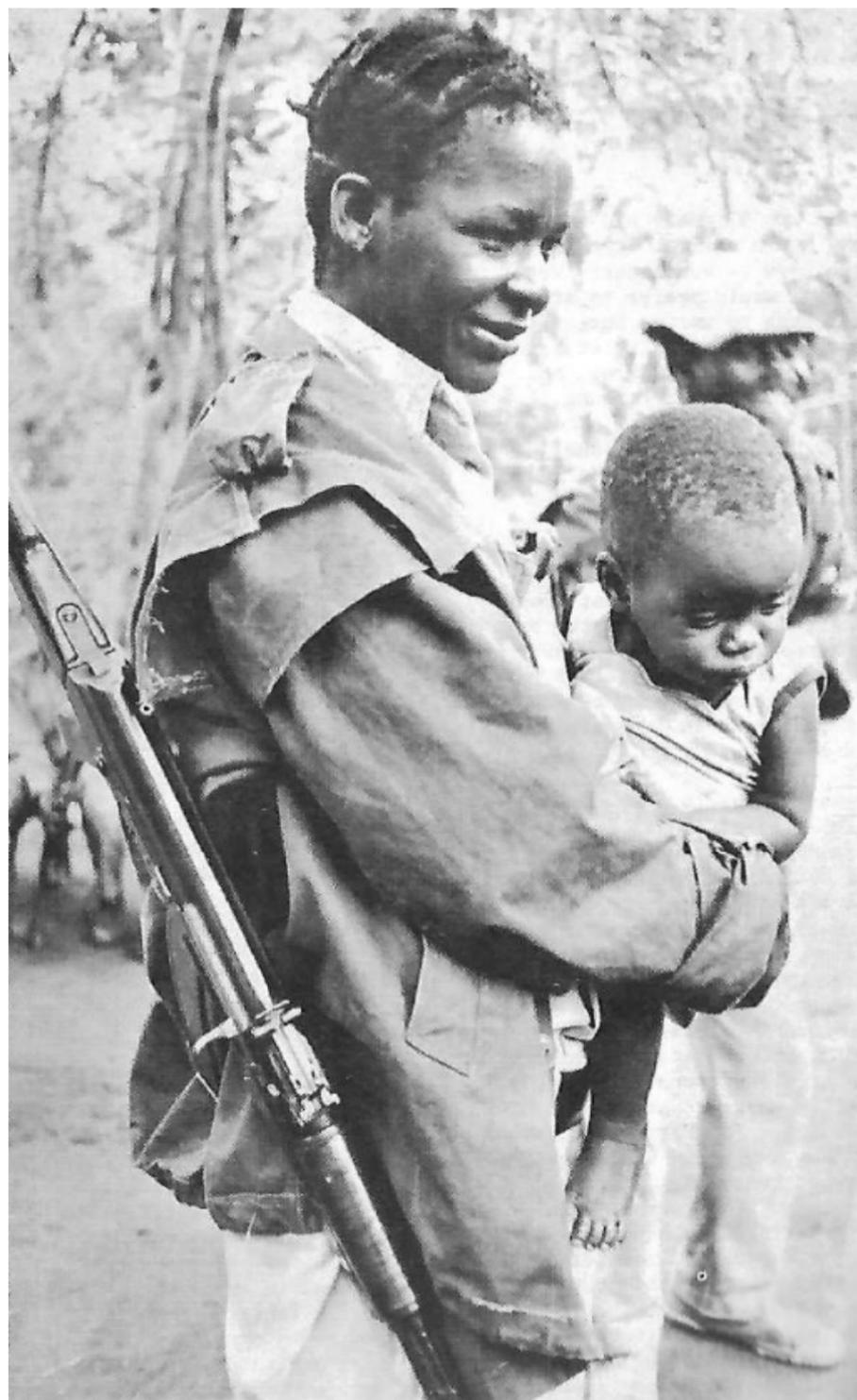
rar as dificuldades que enfrentamos a fim de cumprir nossa tarefa de uma forma mais eficaz.

Nosso apelo não é somente por apoio material. É principalmente uma chamada para as mulheres africanas e todas as mulheres, para participarem ativamente da nossa luta: para mobilizar seu povo, organizando encontros de solidariedade, distribuindo informações sobre as conquistas e dificuldades da nossa luta, usando todos os meios possíveis, como o rádio, a imprensa, manifestações culturais, exposições, etc., para desenvolver em todos os níveis - estudantes, trabalhadores, etc. - o movimento solidário com a nossa causa. O esforço da mobilização política representa, sem dúvida, a contribuição mais importante, ele cria a solidariedade material indispensável para o prosseguimento da nossa luta.

Propomos também que a organização das mulheres na África, em nível nacional e pan-africano, organize a coleta de fundos e materiais úteis para nossas atividades. A lista das nossas necessidades não é limitada, diz respeito a todos os tipos de materiais necessários para múltiplas atividades que temos que realizar: tecido, roupas, material escolar, equipamento médico, leite em pó, alimentos para bebês...

A melhor forma de realizar todas essas atividades parece ser a criação de comitês de apoio no nível das diferentes organizações existentes nos países membros. Sentimos que isso é muito necessário na África onde - devemos dizer - a solidariedade popular não tem encontrado a maneira apropriada para expressar os sentimentos profundos das massas. E, a mulher deve entender que seu papel na mobilização começa, antes de mais nada, em casa, dentre sua família.

**uma nova
vida está
sendo
construída**



A situação de mulheres sendo seres explorados e oprimidos não é um fenômeno limitado a Moçambique. Na maioria dos países e em todos os continentes mulheres são, em diferentes níveis, privadas de seus mais fundamentais direitos, impedidas de participar da vida política, confinadas a tarefas de procriação e cuidado doméstico, e submetidas a autoridade tirânica.

Porém, é em países como o nosso, onde conceitos tradicionais sobre a submissão de mulheres e conceitos colonialistas têm sido combinados ou justapostos, que essa opressão e exploração assumem as formas mais extremas.

Em Moçambique, uma revolução genuinamente popular está ocorrendo e sendo consolidada. Como resultado da luta armada pela libertação nacional lançada pelos líderes da FRELIMO, áreas que cobrem aproximadamente $\frac{1}{4}$ do nosso país foram liberadas, e a luta está avançando para uma nova província - Manica e Sofala. Nas regiões libertadas, em Cabo Delgado, Niassa e Tete, uma nova vida está sendo construída, inspirada em uma ideologia que põe os interesses das massas de pessoas acima de tudo, e rejeita quaisquer formas de opressão e exploração por qualquer indivíduo, grupo, classe ou sexo sobre o outro, e que visa estabelecer relações humanas saudáveis e harmoniosas.

A luta para libertar mulheres ocupa um lugar importante dentro desta revolução. Foi neste contexto que a primeira Conferência de Mulheres Moçambicanas foi realizada de 4 a 16 de março de 1973. A Conferência teve participação de mais de 80 delegadas envolvidas em todos os setores de atividade, com predominância de membros do Destacamento Feminino.

A agenda incluía os seguintes itens: (1) relatórios das atividades, (2) Análise e descrição da posição das mulheres moçambicanas na sociedade tradicional, sociedade colonial e na situação atual, (3) Verificação do envolvimento das mulheres moçambicanas no processo da revolução, dando atenção especial aos seguintes pontos: obstáculos dos seus envolvimento e a natureza das contradições existentes, definição de metas, formulação de estratégia, tarefas da Organização de Mulheres Moçambicanas e seu lugar dentro da estrutura do FRELIMO.

A Conferência foi presidida pelo Camarada Samora Machel, presidente da FRELIMO, que definiu em seu discurso de abertura o contexto histórico-político em que a Conferência foi realizada, analisando as origens da alienação das mulheres e apresentando a linha a ser seguida para o sucesso na luta pela emancipação da mulher. A Conferência adotou o discurso do presidente da FRELIMO como um documento básico. Ao analisar os relatórios entregues por camaradas envolvidos na ação armada e trabalhando em escolas, hospitais, creches, etc., a Conferência notou que as mulheres moçambicanas organizadas no Destacamento Feminino estavam trabalhando de uma forma correta, com um alto nível de consciência e ótima eficiência. Dentre as tarefas realizadas pelo Destacamento Feminino estão a mobilização, organização e defesa do povo, transporte de material, garantia da proteção, recrutamento, segurança, cuidado das creches, do trabalho clandestino, etc.

A Conferência notou, porém, que havia um fator psicológico afetando a maioria das camaradas que tornou difícil para elas conseguirem terminar suas tarefas - um complexo de inferioridade. Ao analisar mais profunda-

mente, a Conferência descobriu que os motivos desse complexo residem em uma combinação do sistema tradicional de educação e o sistema colonial. De fato, foi notado que ao longo de suas vidas, em diferentes etapas de seus crescimentos, meninas estão submetidas ao que é conhecido como 'ritos de iniciação' que, apesar de ter formato variado dependendo da região, todos têm em comum o fato de instilar nas garotas uma atitude submissa perante os homens e as ensinam que seu lugar na sociedade é secundário. Durante a cerimônia de puberdade, especificamente, meninas são ensinadas que seu papel a partir de então é de produzir filhos e cuidar de seus maridos e casas, e que estão proibidas de realizar quaisquer outras tarefas. Esses ritos de iniciação, que são cercados com uma aura de mistério e solenidade religiosa, tem um impacto psicológico muito poderoso e fazem as meninas aceitar cegamente o que são ensinadas, traumatizando-as pelo resto de suas vidas.

A Conferência então notou que esses ritos de iniciação eram apenas uma das manifestações do conceito da posição inferior das mulheres na sociedade tradicional. Outras manifestações são, por exemplo, o preço de noiva, que reduz uma mulher a um mero objeto a ser vendido e comprado e faz dela um simples objeto de prazer e reprodução aos olhos do comprador - o marido. Outros exemplos são a poligamia forçada e casamentos prematuros. No último caso, crianças com não mais de 10 anos de vida são forçadas a casar. Além de refletir uma atitude reacionária, essas práticas constituem um obstáculo sério para o envolvimento das mulheres na luta de libertação libertação e isso em dois aspectos: porque condicionam as mulheres a se sentir alienadas, e porque as confinam à

vida doméstica e produção agrícola em serviço ao seu marido, privando-as de qualquer perspectiva de participar em trabalhos políticos, culturais ou sociais.

O sistema colonial piorou ainda mais essa situação. Também instigado pela ideia que mulheres são o 'segundo sexo', o sistema sujeitou mulheres moçambicanas ao dobro da opressão e exploração: primeiro a opressão e exploração geral infligida indiscriminadamente em homens e mulheres igualmente, na forma de trabalho forçado, colheitas compulsórias, prisão arbitrária, discriminação racial, etc. E então a outra e mais específica forma direcionada apenas às mulheres. Ao separar mulheres de seus maridos pelo trabalho forçado e negando a elas os meios para sustentar suas casas e crianças, o colonialismo criou condições onde mulheres eram forçadas a recorrer à venda de seus corpos, à prostituição, para poder sobreviver. As mulheres se rebaixavam, degradavam e eram submetidas à mais extrema humilhação por colonialistas, que não só as faziam uma força de trabalho e máquinas de reprodução, mas também as transformaram em instrumentos de prazer.

Tendo assim analisado a situação das mulheres em nosso país, a Conferência passou a examinar a estratégia de luta para ser usada para restaurar o lugar e direito das mulheres na nova sociedade que estamos construindo de forma revolucionária. Primeiro os dois polos de contradição foram identificados. A Conferência declarou que a contradição fundamental existe entre mulheres moçambicanas e o sistema de opressão e exploração em vigor em nosso país, que exclui as mulheres de tomar qualquer decisão sobre a vida da sociedade, até nos assuntos que as afetam diretamente. A Conferência chamou atenção de

todas as delegadas ao perigo da má interpretação em relação aos alvos da luta, dando o exemplo da posição tomada pelos chamados movimentos de libertação feminina que proliferam em países capitalistas. Esses movimentos direcionam sua luta contra os homens, fazendo deles seu alvo e os acusando de serem responsáveis pela opressão e exploração. A Conferência pontuou que homens trabalhadores são, também, explorados e oprimidos nestas sociedades, assim como as mulheres, e que qualquer ideia reacionária que eles possam ter sobre mulheres foram instiladas neles pelo sistema sob o qual vivem. É contra o sistema, isto é, contra os aspectos negativos da tradição e contra o colonialismo e imperialismo, que as mulheres moçambicanas devem direcionar sua luta.

A Conferência notou que o momento presente, quando uma revolução genuína está ocorrendo em Moçambique, é altamente favorável para esta luta. A revolução se propôs o objetivo de destruir a antiga ordem social baseada na regra de minoria, a fim de construir em suas próprias ruínas uma nova sociedade onde o poder pertence aos trabalhadores, precisamente aqueles que eram explorados e oprimidos pelo antigo sistema, dentre eles, especificamente, as mulheres.

A Conferência também delineou os meios a serem usados pelas mulheres moçambicanas para alcançar sua libertação. Considerando que a libertação das mulheres não pode ser separada das dos homens, e que o inimigo e os objetivos são os mesmos, a primeira Conferência de Mulheres Moçambicanas apontou que o único caminho que as mulheres podem traçar é se envolver nas tarefas da luta, no processo revolucionário.

Desta forma, elas irão contribuir diretamente para a

a vitória da revolução, isto é, para apressar o dia da libertação. Além disso, ao aderir à luta em todos os níveis, elas estão abrindo novas perspectivas para o seu futuro, destruindo na prática os conceitos os conceitos que as relegaram a um papel passivo e sem voz na sociedade. Em resumo, elas estão criando as condições para participarem no exercício do poder, tomando o destino em suas próprias mãos.

Ao mesmo tempo, essa participação não pode ser arbitrária ou casual, ela deve vir no âmbito da FRELIMO, a organização política revolucionária que sustenta todos os interesses das pessoas exploradas e que é capaz de dar a orientação correta às mulheres e definir suas tarefas.

A Conferência saudou a decisão do Comitê Central em seu encontro em 1972 de criar uma Organização de Mulheres Moçambicanas. Tal organização havia se tornado uma necessidade, dado o fato de que o único corpo de mulheres existente era o Destacamento Feminino. Constatou-se, na verdade, que muitas mulheres trabalhavam fora do âmbito do Destacamento Feminino e não se inseriam em nenhuma estrutura própria. Também haviam muitas mulheres militantes em potencial que não cumpriam os requisitos para ingressar no Destacamento Feminino e que permaneceram à margem do processo revolucionário. A nova Organização vai então agir como uma frente ampla com o Destacamento Feminino e unir mulheres, jovens e velhas, casadas e solteiras, onde quer que estejam, das vilas até as escolas e bases, e os campos fora do país.

A Organização de Mulheres Moçambicanas deve fazer parte da estrutura geral da FRELIMO, dentro da qual será como um braço estendendo-se a um novo setor, o setor das mulheres, cuja participação plena e adequada

tem sido negligenciada até agora.

A Conferência também saudou o Comitê Central por declarar 7 de abril, data da morte da camarada Josina Machel, líder do Destacamento Feminino e chefe da seção de relações sociais e a Seção Feminina do Departamento de Relações Externas, o Dia da Mulher Moçambicana. A Conferência expressou total apoio por esta decisão, todas as delegadas destacando em seus discursos o exemplar espírito militante e revolucionário da camarada Josina Machel.

Enfim, a Conferência situou a luta das mulheres moçambicanas em seu contexto internacional. As delegadas celebraram o dia 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, que caiu no meio do período da Conferência. O presidente da FRELIMO disse em seu discurso que a coincidência da Conferência e o 8 de março, dia em que toda a humanidade progressista afirma solenemente o seu apoio à luta das mulheres pela sua libertação, é uma feliz coincidência e deve ser um alento para nós, pois chama a atenção para o fato de que nossa luta não é isolada, nos mostrando que a luta das mulheres é a luta do povo, e nos permitindo sentir os avanços já alcançados.

A Conferência saudou a luta dos nossos irmãos e irmãs batalhadoras em Angola, Guiné Bissau e Cabo Verde, que, sob a liderança do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), têm há mais de 10 anos lutado lado a lado, como nós, contra o inimigo em comum - o colonialismo e imperialismo portugueses. Uma comovente homenagem foi prestada ao nosso camarada de luta, o camarada Amílcar Cabral, que recentemente faleceu. A Conferência condenou veemen-

temente o colonialismo português por mais este crime bárbaro e brutal e reafirmou o seu total apoio ao PAIGC e a sua total confiança na vitória do povo unido de Guiné Bissau e Cabo Verde. A Conferência dirigiu saudações especiais à África militante, que está ao nosso lado compartilhando os esforços e sacrifícios da guerra, movidos pelo ideal de liberdade total para o nosso continente, fazendo menções especiais à Tanzânia, Zâmbia, República da Guiné e ao Congo.

A luta pela libertação do povo da África do Sul, Zimbábue, e Namíbia foi descrita como uma contribuição direta e corajosa para a vitória da nossa luta.

A quarta frente aberta em Portugal por patriotas anti-fascistas e anti-colonialistas portugueses bem no coração das forças inimigas foi calorosamente saudada pela Conferência como um passo importante para consolidar os laços de amizade e solidariedade entre o povo português e moçambicano.

A Conferência expressou sua satisfação pela grande vitória conquistada pelos povos de Indochina, e do Vietnã em particular, sobre os Estados Unidos, o líder do imperialismo internacional. A vitória do povo Indochinês, a Conferência ressaltou, é uma fonte de inspiração para o nosso povo.

A Conferência parabenizou as mulheres e povos de países socialistas por seu sucesso na construção de uma nova sociedade e pela forma exemplar que eles assumiram seu dever internacionalista.

A luta das mulheres e homens nos países capitalistas e em todos os continentes contra o colonialismo, racismo, imperialismo, a exploração do homem e discriminação de mulheres foi considerada pela Conferência uma con-

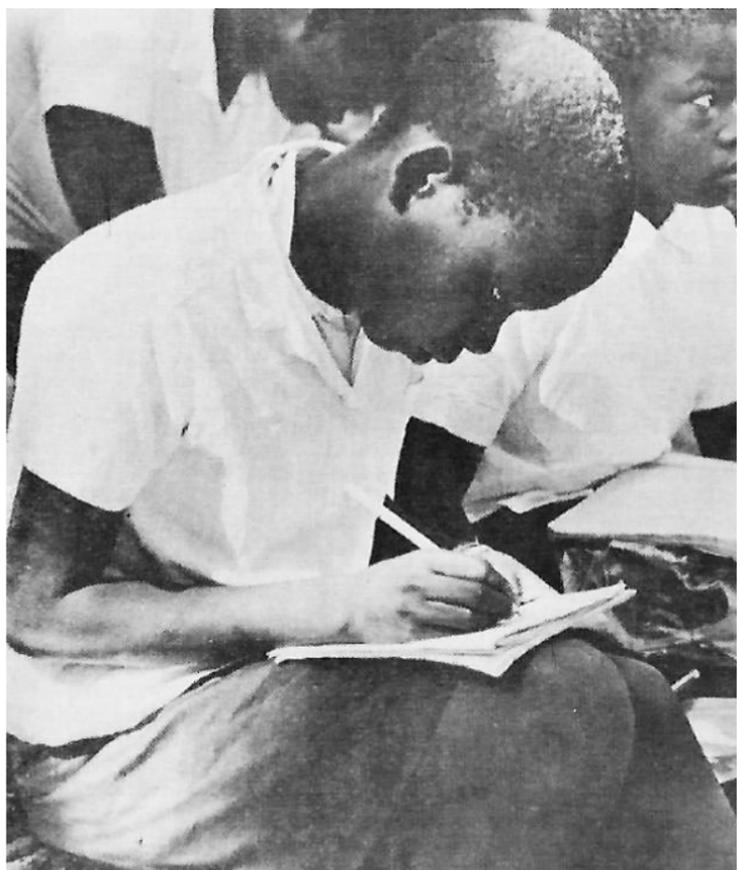
tribuição concreta para a causa do povo moçambicano em geral, e das mulheres moçambicanas em particular.

As delegadas resumiram as conclusões da conferência na sessão de encerramento. Foi unanimemente notado o forte espírito revolucionário da Conferência e a natureza franca, aberta e construtiva das discussões. Todas as delegadas expressaram satisfação em ter aprendido bastante durante a Conferência.

O discurso proferido na sessão de abertura pelo camarada Samora Machel, presidente da FRELIMO, permitiu à Conferência sintetizar corretamente o espírito e o conteúdo do da primeira Conferência de Mulheres Moçambicanas.

Este foi um momento decisivo e histórico em nossa revolução e na vida das mulheres, uma nova onda de esperança surgiu para nossas mulheres, para nosso povo.

Em conclusão, a primeira Conferência de Mulheres Moçambicanas adotou como lema as palavras do presidente da FRELIMO: “A libertação das mulheres é um requisito básico para a revolução, a garantia de sua continuidade e condição prévia para a sua vitória.”



**maria
njanje**



“Quando eu tinha 17 anos de idade meus pais me forçaram a casar. Esse é o costume aqui – mulheres casando muito jovens. Eu preferia estudar do que casar, mas como eu não vi nenhuma possibilidade de poder continuar a estudar, e a tradição é muito forte, eu casei. Eu tenho um filho. Quando a FRELIMO chegou, meu marido se juntou à guerrilha. Ele é um guerrilheiro da FRELIMO. Eu mostrei disposição para estudar e a FRELIMO me colocou em uma escola. Antes disso eu estava em uma base da FRELIMO – enquanto eu tinha a primeira classe, eu ensinava os camaradas na minha base a ler e escrever. Na minha classe e no fim do último ano eu fui transferida para cá, para a Escola Piloto onde estou estudando a terceira classe.

Eu estou muito feliz de ter vindo para a FRELIMO. Primeiro de tudo porque eu posso estudar – o que sem-

sempre foi meu sonho. Com os colonialistas somente aqueles que tem dinheiro podem estudar. Aqui todo mundo que quer estudar pode fazer isso. Outra diferença que notei é que os professores portugueses não estavam interessados em explicar para ninguém o que eles não entendiam; enquanto aqui nossos professores se esforçam para garantir que nós entendamos tudo. As tropas portuguesas, quando chegam em uma vila, roubam galinhas, porcos, gado, do povo. Os guerrilheiros nunca tomam nada do povo. Quando os soldados portugueses encontram garotas nas ruas eles as violentam. Na FRELIMO, nós mulheres somos muito respeitadas e isso impressiona nossas irmãs que vem da zona inimiga, como foi meu caso. Nós somos acostumadas a algo bastante diferente. Sob os colonialistas, quando um homem vestindo uniforme aparecia, normalmente significava um mau tratamento. Ficamos surpresas primeiramente com os guerrilheiros tratando a nós como irmãs, não como objetos de prazer.

O problema da participação das mulheres no nosso programa de educação é sério nesta província. Nós devemos mudar a tradição que nos força a casar quando somos muito jovens. Eu mesma estou engajada na campanha direcionada às famílias nesta região para explicar a elas a necessidade de mudar esse costume: é prejudicial para nós e para a Revolução.”

**poemas de
josina machel**

Essa é a Hora Josina Machel

Essa é a hora
nós estávamos todos esperando
nossas armas são leves em nossas mãos
as razões e objetivos
da luta
são claros em nossas mentes

O sangue derramado por nossos heróis
nos deixa tristes, mas decididos
É o preço da nossa liberdade
Nós os mantemos perto de nossos corações
do seu exemplo novas gerações
-- gerações revolucionárias --
já estão nascendo

À nossa frente, vemos dificuldades amargas
Mas nós vemos também
nossas crianças correndo livres
nosso país não mais saqueado

Esta é a hora de estarmos prontos
e firmes
A hora para nos entregarmos
para a revolução

Poema sem título

Josina Machel

Tantos anos de miséria vivo
Tantos anos de opressão aturo
Torturas e maus tratos vejo
E sem nada poder fazer, me calo.

De toda a maneira sou explorado
Escravidado e oprimido também
Apesar de tudo isto me ensinas
A ouvir, ver e dizer: Obrigado!

Sou de há séculos teu servidor
Sofro, satisfação, teus desejos, em fim
Fazes de mim um cordeiro manso
E eu paciente este horror.

Sou preso, algemado
Meu sacrificio é doloroso
E nem te arrepias sequer
Do teu cinismo maldoso.

Procuras sempre acorrentar-me
Na minha palhota de capim
Mas o dia não tardará a chegar
Em que este pesadelo terá fim.

A luta armada

Josina Machel

Sangue moçambicano, derramado,
e vidas de combatentes se perdem
Sangue moçambicano estruma a terra
nova geração revolucionária nasce.

Qual o motivo desta perda de sangue?
É a opressão e o massacre deste Povo humilde.

Este sangue é perdido pela justeza;
do oprimido e massacrado povo
seus filhos lutam pela sua liberdade e
dignidade humana.

É neste momento

Josina Machel

É neste momento
que devemos-nos preparar
p'ra enfrentar dificuldades.

É neste momento
que devemos decidir
unir, lutar e avançar.

É neste momento
que devemos estar firmes
labutar e defender a nossa Pátria.

É neste momento
que devemos sentir com mágoa
o sangue derramado pelos nossos heróis.

É neste momento
que devemos estar conscientes
mais corajosos
p'ra lutar nunca vacilar.

É neste momento
que devemos ter em mente
e compreender a causa da nossa luta.

É neste momento
que devemos voluntariamente
entregarmo-nos à Revolução.



biografia de josina machel

Josina Abiatar Machel, nasceu em 10 de agosto de 1945, na Província de Inhambane, onde os seus pais se encontravam em serviço.

A sua família, Muthemba, é muito rica em tradições patrióticas. Muito dos seus antepassados participaram ativamente nas guerras de resistência contra o colonialismo. O seu tio Mateus Sansão Muthemba, assassinado em 1968 pelos reacionários infiltrados na FRELIMO, foi membro do Comitê Cenral da Frente de Libertação de Moçambique, um organizador ativo das células clandestinas no sul do país. Seu pai e muitos outros membros da sua família, sofreram nas prisões da Polícia Internacional e de Defesa do Estado - PIDE pelas suas posições firmes contra o colonialismo-fascismo português.

Assim, desde muito cedo, Josina foi educada num espírito de patriotismo e ódio ao colonialismo e à opressão.

Começou o ensino primário na ex-Porto Amélia - atual cidade de Pemba - e mais tarde foi para Manica e Sofala, acompanhando as transferências a que os seus pais eram submetidos.

Em 1956, foi para Lourenço Marques tendo-se matriculado no Ensino Comercial, que frequentou até ao 4º ano. Durante o seu tempo de estudante, engajou-se em atividades políticas clandestinas, mobilizando a juventude moçambicana para a luta contra o colonialismo português.

A camarada Josina Machel foi um membro ativo do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM), organização estudantil e de luta política de que foram membros e dirigentes muitos heróis da nossa luta de Libertação Nacional.

Depois da criação da Frente de Libertação de Mo-

çambique, a camarada Josina Machel integrou-se numa das células clandestinas, no seio da qual realizou um intenso trabalho de mobilização, tendo continuado a sua tarefa de mobilização e organização dos jovens, estimulando-os a aderirem à FRELIMO.

Ela própria deu exemplo, pois em abril de 1964, abandonando a família e os estudos, com um grupo de companheiros, saiu clandestinamente de Moçambique, com destino a Tanganyika (hoje República Unida da Tanzânia).

A PIDE teve informações sobre a fuga e com a colaboração dos Serviços Secretos da Rodésia do Sul, o grupo foi preso em Vitória Falls, deportado para Lourenço Marques e encarcerado.

Na cadeia, a camarada Josina foi submetida a pressões e ameaças durante muitos meses. A PIDE manteve-a isolada dos outros presos políticos e até de sua família. Como esta tentativa teve fracasso a PIDE começou a aliciá-la com uma promessa de bolsa de estudos para Portugal. A camarada Josina, animada pelo patriotismo e espírito revolucionário, não só resistiu heroicamente a todas as pressões e torturas da PIDE, como recusou a bolsa e manteve a sua decisão firme de se unir aos combatentes da FRELIMO.

Nos fins de 1964, a PIDE foi obrigada a libertar o grupo, sob pressão de uma intensa campanha internacional de solidariedade.

A camarada Josina Machel continuou ativamente no trabalho clandestino e, com vários outros companheiros, organizou uma nova fuga através da Suazilândia, em março de 1965.

Enfrentando grandes dificuldades, consegue chegar

a Dar-Es-Salaam em 8 de julho de 1965.

Em agosto do mesmo ano foi enviada para Songuea, onde durante seis meses trabalho com grupos de mulheres, realizando junto delas um trabalho de educação política.

Nesse período trabalhou também com outros grupos de mulheres no apoio e tratamento aos feridos de guerra, aos inválidos, às crianças. Em 1967, a Direção da FRELIMO decidiu atribuir uma bolsa de estudos para que a camarada Josina prosseguisse os estudos no exterior.

Revelando uma elevada consciência e um alto espírito de sacrifício e de dedicação pela luta de libertação, e consciente de que era mais necessária na luta direta contra os colonialistas portugueses que oprimiam o nosso povo, a camarada Josina solicitou à Direção da FRELIMO que lhe fosse permitido preparar-se para a guerra, realizando treino militar.

Em julho de 1968, foi delegada ao II Congresso da Frente de Libertação de Moçambique, realizado em Matchedje, uma zona libertada no Niassa.

A sua participação no II Congresso foi bastante relevante, tendo contribuído para o triunfo da linha revolucionária da FRELIMO relativa à emancipação da Mulher, combatendo as ideais retrógradas dos reacionários infiltrados na FRELIMO.

Deu também valiosas contribuições na discussão de outros problemas de fundo do II Congresso, nomeadamente na concepção revolucionária da guerra popular prolongada, contra os exploradores que pretendiam substituir-se aos exploradores coloniais portugueses.

Em abril de 1969, a Direção da FRELIMO encarregou a a camarada Josina Machel de dirigir a Seção de Assun-

tos Sociais da FRELIMO, tarefa que, tal como as outras de que foi incumbida, realizou com dedicação, com entusiasmo e com completo sucesso. Elas constituíram novas vitórias na nossa luta pela criação de uma nova sociedade.

Ao trabalho da camarada Josina se deve a organização de infantários nas zonas libertadas, onde, com amor e carinho, transmitindo o seu entusiasmo e ardor revolucionário, criou condições para que as crianças, nas zonas que o fogo libertador das nossas armas ia conquistando, tivessem uma educação do tipo novo, sã, coletiva, e se tornassem efetivamente continuadores da Revolução.

A ela se deve a organização de diversos centros infantários em Cabo Delgado e Niassa (a título de exemplo, os de M'Sawize-Mavago, no Niassa e o de Nangade, Palma, em Cabo Delgado).

Como organizadora incansável, com a preocupação permanente de contribuir para o sucesso da Luta Armada de Libertação Nacional, e mobilizar cada vez mais elementos da população para as tarefas da Luta, a camarada Josina Machel distinguiu-se no seu trabalho no seio do Destacamento Feminino, na organização e desenvolvimento do Centro Educacional de Tunduru, na mobilização permanente e consequente da mulher para o combate pela sua emancipação, integrada na luta geral do nosso Povo pela Independência Nacional, pela liquidação da exploração e da opressão.

Em agosto de 1969, a Direção da FRELIMO designa a camarada Josina Machel para uma nova responsabilidade: dirigir a Seção da Mulher, no Departamento das Relações Exteriores da FRELIMO. Nesta tarefa, a camarada Josina Machel desenvolveu trabalho intenso junto de di-

diversas organizações femininas nacionais e internacionais, explicando a razão de ser da luta de libertação do povo moçambicano, mobilizando a solidariedade internacional para com a nossa justa causa.

Em 4 de maio de 1969, casou-se com a camarada Samora Machel, Secretário do Departamento de Defesa da FRELIMO, que mais tarde seria eleito Presidente da FRELIMO.

O casamento, longe de afastar das tarefas revolucionárias, constituiu um estímulo para o prosseguimento impetuoso das tarefas que a revolução impunha.

Ao seu exemplo e dedicação de militante, acresce o seu exemplo de esposa terna, dedicada, companheira de luta, mãe carinhosa.

Em 28 de dezembro de 1970 iniciou uma longa marcha na província do Niassa, para organizar infantários, centros sociais para os feridos de guerra e outros diminuídos físicos, desenvolver o trabalho do Destacamento Feminino.

Em fevereiro de 1971 toma parte ativa na II Conferência do Departamento de Defesa onde discutiu os obstáculos que se colocavam à integração da mulher na Revolução e propôs os métodos corretos para a efetiva participação da mulher na luta, via correta para a emancipação.

Em março parte para a Província de Cabo Delgado, com um programa idêntico ao que cumprira em Niassa. A sua saúde, já abalada, deteriora-se com os intensos esforços físicos que é obrigada a fazer. Como o estado de saúde exigia cuidados médicos imediatos a camarada Josina é evacuada para o exterior de Moçambique.

É internada no hospital de Dar-Es-Salam. Não resiste

à doença, vem a falecer na madrugada de 7 de abril de 1971.

A camarada Josina Machel, símbolo da mulher moçambicana combatente, morreu com apenas 25 anos. Pelo exemplo da sua vida, pela sua simplicidade e amor para com o povo, conquistou o amor e admiração de todos.

Apesar da doença, do sofrimento que sentia, nunca se recusou ao cumprimento das tarefas, a superar as dificuldades e desprezar o sacrifício. O seu comportamento comove e estimula os médicos e camaradas que a acompanharam.

Momentos antes de morrer, confiava a esses médicos e a essas camaradas as suas duas preocupações: a Revolução e a Família.

O desaparecimento brusco de Josina Machel foi um choque profundo para a mulher moçambicana e para todos os militantes revolucionários.

A luta da mulher moçambicana pela vitória da Revolução e pela sua emancipação, mantém e manterá sempre vivo e presente o exemplo da camarada Josina Machel, exemplo que ilumina o longo caminho que temos a percorrer na construção do Socialismo.

referências

O Papel da Mulher na Revolução

Biografia de Josina Machel

Livro “7 de abril de 1981 - 10º Aniversário da Morte da Camarada Josina Machel”, organizado pelo Secretariado Nacional da Organização da Mulher Moçambicana, publicado em 1981.

“Nós Mulheres Temos o Direito de Lutar”

“*Mozambique Revolution*” nº 52, Julho - Setembro 1972.

A Conferência das Mulheres Africanas de 1972.

“*Mozambique Revolution*” nº 51, Abril - Junho 1972.

Uma Nova Vida Está Sendo Construída

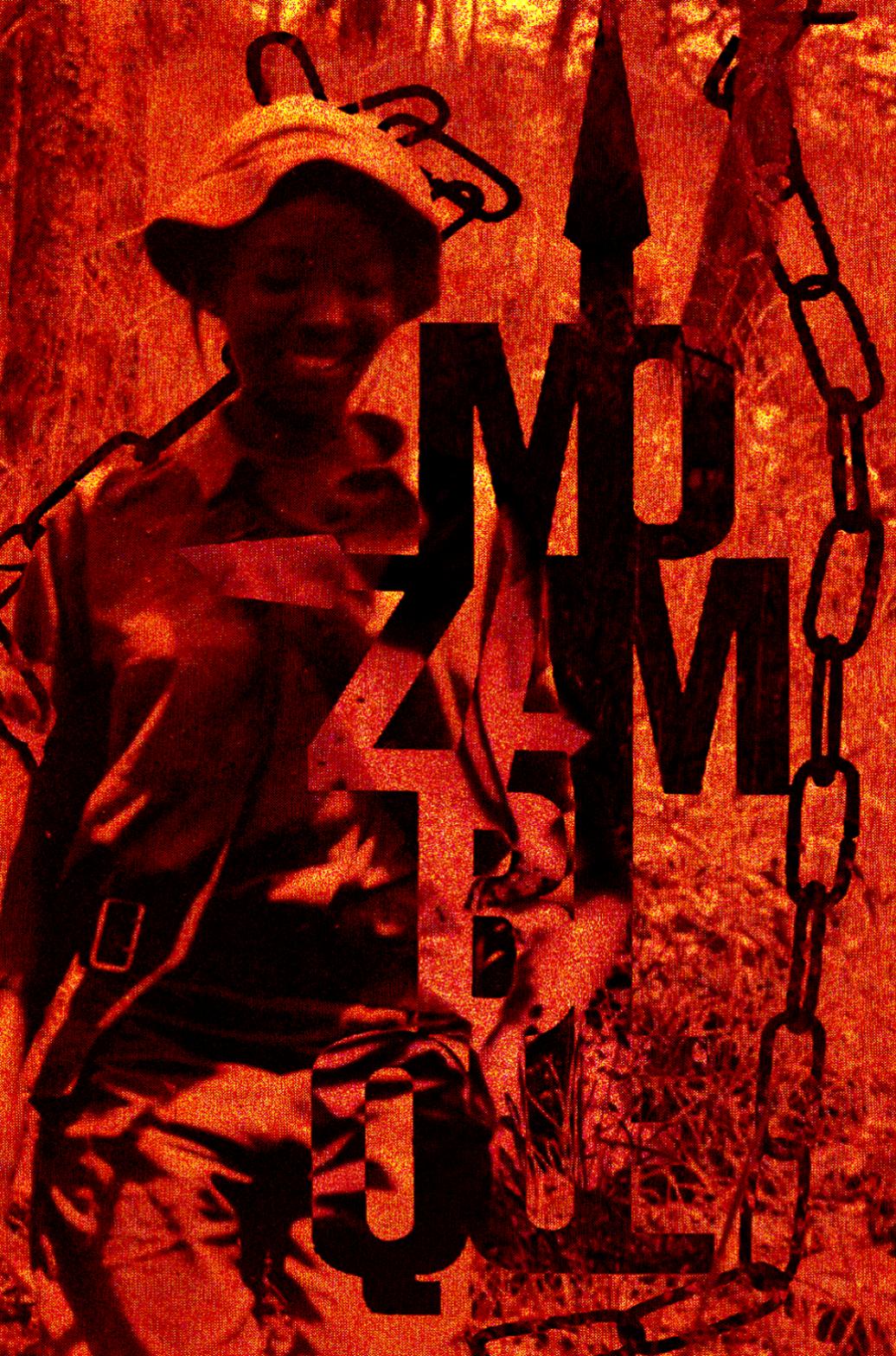
“*Mozambique Revolution*” nº 54, Janeiro - Março 1973.

Maria Njanje

“*Mozambique Revolution*” nº 46, Janeiro - Abril 1971.

Poemas de Josina Machel

Jornal @ Verdade nº 32, 2009.



MOM
MOM
MOM